

MORFOLOGIA EXPERIMENTAL: SEU SURGIMENTO E APLICABILIDADE



<https://doi.org/10.22533/at.ed.542122503067>

Data de aceite: 28/07/2025

Vanessa de Santana Vila Flor

Doutoranda da Pós-Graduação em Língua e Cultura – UFBA
Salvador – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/9255834944140802>

RESUMO: No final dos anos 1980, o pesquisador Wilhelm Wundt (1900) constatou que a psicologia cognitiva está interligada à linguística e vice-versa. Esse posicionamento teórico promoveu, na prática, uma aproximação entre linguistas e psicólogos. Um marco dessa junção ocorreu em 1953, durante um seminário de verão na Universidade de Indiana, resultando no surgimento da psicolinguística. Entre as teorias e os métodos voltados à compreensão da linguagem humana, destaca-se o Programa Minimalista proposto por Noam Chomsky, a partir do qual se desenvolveu a Psicolinguística Experimental. Esta tem como objetivo investigar como se dá o processo de produção e compreensão da linguagem pelos seres humanos. A Psicolinguística Experimental expandiu-se para diversas áreas da Linguística, incluindo a Morfologia. Nesse contínuo esforço para compreender o *processamento linguístico*, surgiu a

Morfologia Experimental, que, por meio de testes *off-line* e *on-line*, foram e vem sendo aplicada por morfólogos, como Alina Villalva e Rafael Minussi (2020), em seus objetos de pesquisa. Esses estudos visam verificar e contribuir para o avanço dos objetivos propostos pela Psicolinguística Experimental.

PALAVRAS-CHAVE: Psicolinguística Experimental, Morfologia, Morfologia Experimental

EXPERIMENTAL MORPHOLOGY: ITS EMERGENCE AND APPLICABILITY

ABSTRACT: In the late 1980s, researcher Wilhelm Wundt (1900) observed that cognitive psychology is interconnected with linguistics and vice versa. This theoretical stance led, in practice, to a closer relationship between linguists and psychologists. A milestone of this convergence occurred in 1953, during a summer seminar at Indiana University, resulting in the emergence of psycholinguistics. Among the theories and methods aimed at understanding human language, the Minimalist Program proposed by Noam Chomsky stands out, from which Experimental Psycholinguistics developed.

This field seeks to investigate how the processes of language production and comprehension occur in humans. Experimental Psycholinguistics has expanded into several areas of linguistics, including morphology. In this ongoing effort to understand linguistic processing, Experimental Morphology emerged. Through offline and online testing, it has been applied by morphologists such as Alina Villalva and Rafael Minussi (2020) in their research. These studies aim to verify and contribute to the advancement of the objectives proposed by Experimental Psycholinguistics.

KEYWORDS: Experimental Psycholinguistics, Morphology, Experimental Morphology

INTRODUÇÃO

No tempo presente, processos morfológicos estão sendo investigados por meio da Morfologia Experimental. Contudo, como se estrutura esse método? Quais foram os passos dados pela psicolinguística para chegarmos a Morfologia Experimental? Questões que serão debatidas para entendermos mais a fundo a sua importância e verificarmos sua aplicabilidade em pesquisas atuais no ramo da Morfologia.

O ENCONTRO ENTRE A PSICOLOGIA E A LINGÜÍSTICA

Tudo se inicia no final do século XIX, quando o psicólogo alemão Wundt (LEITÃO, 2008), mostra-se preocupado com a conexão entre os processos mentais e o comportamento verbal. Esse teórico afirmava a não possibilidade da psicologia cognitiva ser independente em relação à linguística e vice-versa – o que ocasionou o surgimento da psicolinguística e seu crescimento.

Nesta fase, na década de 1950, como acrescenta Howard Gardner (1995), ocorreram seminários colaborativos entre linguistas e psicólogos. Em 1953, em um seminário de verão na Universidade de Indiana (evento marco para a psicolinguística), foram mostrados procedimentos que refletiam uma concordância entre os pesquisadores: atividades teóricas e metodológicas elaboradas por psicólogos que poderiam ser aplicadas para explicar sobre as estruturas linguísticas, que estavam sendo encontradas pelos linguistas.

O autor Márcio Leitão (2008), argumenta que esse nascimento da psicolinguística foi atrelado à tradição behaviorista - uma abordagem teórica muito aceita e propagada na época, pois foi um período em que acreditava-se em uma teoria do aprendizado que tinha como pilar que certos comportamentos linguísticos eram produzidos a partir de estímulos externos ao indivíduo que seriam firmados pela repetição - os psicolinguistas da época acreditavam que poderiam explicar a estrutura da linguagem, e como ela ser adquirida e utilizada pelos falantes a partir da relação estímulo-resposta proposta pela teoria behaviorista.

Na década de 1960, porém, segundo Leitão (2008), houve uma mudança no caminho teórico que os psicolinguistas seguiam. A teoria chomskiana surge como um conhecimento inovador no campo da Linguística, apresentando explicações sobre o funcionamento

linguístico dos falantes que vai de contra à tradição behaviorista - uma tese que argumenta que a linguagem humana tem como fator principal a criatividade, o que ocasiona a produção de infinitas sentenças que jamais ouvimos ou falamos anteriormente, sendo um processo que não se limita a um conjunto de hábitos e repetições.

A partir dessa abordagem apresentada por Chomsky, a psicolinguística segue por meio de uma visão gerativa da cognição, nas quais regras e transformações constroem o vocabulário das análises construídas, como argumenta Leitão (2008).

Na década de 1970, como acrescenta o autor acima, a psicolinguística desfaz as relações com a teoria da gramática transformacional, porque os experimentos psicolinguísticos tiveram choques no quesito de combinar os pressupostos teóricos transformacionais com os resultados das pesquisas experimentais.

Essa finalização se deu a partir de uma série de trabalhos experimentais em que, como retrata Leitão (2008), as estruturas sintáticas estudadas pela teoria da gramática transformacional eram autênticas psicologicamente. Elas eram usadas durante o procedimento, porém as regras utilizadas para modificar essas estruturas não eram.

Para entendermos melhor essa justificativa para a cisão apresentada por parte da psicolinguística, o teórico Leitão (2008) traz um exemplo que reflete a aplicação das regras da teoria da gramática transformacional de Chomsky (que estava latente na década de 1960), nos experimentos psicolinguísticos, e como, posteriormente, observou-se uma desarmonia entre a teoria gerativa e os resultados dos trabalhos realizados.

Observemos as sentenças abaixo:

- a) Os exercícios foram feitos por Eduardo.
- b) Eduardo fez os exercícios.

A (a) é uma sentença na voz passiva, uma estrutura superficial que advém de uma soma de transformações que aconteceriam com base em uma sentença principal, uma estrutura profunda, que é no exemplo apresentado, a (b) uma sentença voz ativa.

A partir da análise dessas duas sentenças por meio da teoria da complexidade derivacional - sentenças com um panorama derivacional mais complexo seriam mais difíceis para o processamento - os falantes processariam a frase (b) com mais rapidez do que a frase (a), já que, seria a partir da estrutura profunda (b), que os ouvintes analisariam e utilizariam transformações para esquematizar a estrutura superficial (a). E é aqui, neste processo transformacional da sentença (b) para a sentença (a), que se argumenta em relação ao choque entre a teoria gerativa e os resultados das pesquisas experimentais.

O teórico Márcio Leitão (2008) esclarece que a estrutura superficial (a) e a estrutura profunda (b), eram levadas em conta ao serem processadas, porém as regras transformacionais que fariam a sentença (b) transformar-se na sentença (a), não eram usadas no processamento - como reflexo disso, o autor afirma, nas pesquisas de seriedade metodológica, que os ouvintes processavam com a mesma agilidade tanto as sentenças superficiais quanto as sentenças profundas.

Décadas depois, segundo Leitão (2008), os psicolinguistas se aproximam novamente da teoria gerativa, pois aconteceram mudanças no conhecimento teórico gerativo a partir da integração do Programa Minimalista proposto por Chomsky, o que volta a proporcionar uma harmonização entre o saber chomskiano e as pesquisas experimentais da psicolinguística.

O Programa Minimalista é bem aceito pela psicolinguística, pois, como argumenta Leitão (2008), suas condições de legibilidade da informação linguística são ou não plenas pelos sistemas de desempenho - articuladas à forma lógica e à forma fonológica - o que se constitui como critério de validação empírica do modelo linguístico.

Outro ponto importante para essa reaproximação da psicolinguística com a teoria chomskiana, é que na Proposta Minimalista, os processos sintáticos passam a ser observados como um *sistema computacional*, conectado ao processo de produção/compreensão de enunciados, em que se constitui como uma derivação que age sobre os itens lexicais ativos na memória - articulando mais profundamente com a competência e desempenho.

A PSICOLINGUÍSTICA EXPERIMENTAL

Observamos acima, como foi desenvolvida e estabelecida a relação entre a psicologia e a linguística, tendo como teoria base o Programa Minimalista proposto por Chomsky. E a partir dessa junção, foi criado um método chamado de Psicolinguística Experimental, o qual se tornou o pilar para a elaboração do método da Morfologia Experimental - o que será explicado posteriormente.

A Psicolinguística Experimental, porém, foi formulada pela psicolinguística com qual objetivo? O teórico Leitão (2008) apresenta três questões básicas cruciais para a psicolinguística:

- a) Como as pessoas adquirem a linguagem verbal?
- b) Como as pessoas produzem a linguagem verbal?
- c) Como as pessoas compreendem a linguagem verbal?

(LEITÃO, Márcio Martins, 2022, p. 220)

Os questionamentos (b) e (c) são essenciais para a Psicolinguística Experimental (não que a (a) não seja de interesse ou não se articule a esse método, mas ela tem sua maior importância para a psicolinguística desenvolvimentista), pois a Psicolinguística Experimental, como descreve o autor, tem como objetivo explicar e examinar a forma como nós, seres humanos, compreendemos e produzimos linguagem, analisando os eventos linguísticos articulados ao processamento da linguagem.

Em uma interação oral, o que foi dito por alguém será decodificado linguisticamente pelo outro, e vice-versa:

(...) ao conversarmos com alguém oralmente, por exemplo, temos de transformar o sinal acústico que chega a nosso aparelho auditivo em algo que nos seja compreensível. Temos de retirar desse sinal informação sobre os sons e para traduzi-la em informação sintática, passando depois para o reconhecimento dos itens lexicais e para a projeção das propriedades formais e semânticas desses itens em estruturas hierarquicamente constituídas a partir de um núcleo. Ou seja, ocorre o processamento dos sintagmas e das sentenças formadas por eles, o que permite a interpretação do significado do que está sendo dito.

Por sua vez, em resposta ao que foi compreendido, temos que utilizar nossa capacidade de construir enunciados, em que estão envolvidos todos esses aspectos fonéticos-fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos e semânticos, para coerentemente produzirmos também um sinal acústico verbal que permita toda essa decodificação, tornando-a compreensível para o nosso interlocutor.

(LEITÃO, Martins Leitão, 2022, p. 221)

Uma descrição do que consiste o processo comunicativo em meio a um diálogo entre duas pessoas: O primeiro emite uma cadeia de sons, fazendo com que o outro compreenda o que foi expresso a partir da decodificação desse sinal acústico por meio da construção mental de sentenças com significados relacionados ao que foi dito anteriormente. Esse segundo indivíduo, em resposta ao que antes foi expresso oralmente, a partir da verbalização de uma estrutura sonora, ele apresentará para o receptor enunciados hierarquicamente construídos que sejam entendidos por aquele que os escuta.

Como acrescenta Leitão (2022), esse processo não só acontece na comunicação oral, mas também na escrita. Quando estamos lendo um texto, estamos compreendendo as palavras e as sentenças visuais, porque estamos identificando estruturas sintáticas envoltas a significados que compõem aquele texto.

Essa proposta da Psicolinguística Experimental: analisar como os seres humanos compreendem e produzem linguagem, perpassa pela compreensão do exercício que é feito pelas habilidades cognitivas relacionadas à linguagem. Como argumenta o autor, é um processo complexo que necessita de um conjunto de procedimentos mentais nomeado de *processamento linguístico*.

Para elucidar como esse *processamento linguístico* se estrutura na mente dos indivíduos, a Psicolinguística Experimental cria uma série de procedimentos metodológicos de acordo com o objeto linguístico estudado nas pesquisas. Tais estudos estão associados à Fonologia, à Morfologia, à Sintaxe e à Semântica, já que essas são subáreas da Linguística, que se conectam à compreensão e à produção da linguagem.

Antes de falar sobre esses procedimentos metodológicos produzidos pela Psicolinguística Experimental - os quais estão sendo utilizados em alguns trabalhos atuais no campo da Morfologia. É importante apresentar uma observação pertinente acerca do estudo da compreensão e produção, que englobam o *processamento linguístico*.

Leitão (2022) argumenta que no início desse estudo, a psicolinguística acreditou que tanto a compreensão quanto a produção da linguagem por parte do ser humano passavam pelos mesmos processos cognitivos, só que de forma invertida - na compreensão os impulsos externos eram transfigurados em significados, e na produção, um movimento inverso, os significados eram convertidos em impulsos externos.

Posteriormente, observaram que não era apenas analisar os processos cognitivos de forma invertida, já que experimentos tanto com pessoas “normais” quanto com indivíduos que apresentavam certo tipo de lesão cerebral (como no caso nos estudos sobre os tipos de afasia), indicaram que a compreensão e a produção da linguagem são mecanismos diferentes, não simétricos.

O autor também apresenta outro argumento que representa o distinto processo entre produção e compreensão:

Quando o falante/escritor produz um enunciado (oral ou escrito), ele, ao mesmo tempo, escuta (ou lê) e compreende o que diz (ou escreve), o que afeta, de algum modo, o que está sendo dito (ou escrito) e o que se vai ainda dizer (ou escrever). Sendo assim, podemos dizer que a compreensão realimenta o sistema de produção da linguagem, ao passo que a compreensão não tem uma realimentação equivalente: compreendemos sem reproduzir o que compreendemos

(LEITÃO, Márcio Martins, 2022, p.222)

Como Leitão expressa na citação acima, quando o indivíduo fala ou escreve uma sentença, ao mesmo tempo ele compreende o que disse ou escreveu, afetando assim, o que já foi dito ou escrito (ou o que será expresso no futuro). A compreensão, nesse caso, apresenta um remanejamento no sistema de produção da linguagem. Já quando nos é dito ou lemos um enunciado produzido por outrem, compreenderemos, mas iremos o realimentar - mais um ponto crucial para se analisar que os processos cognitivos que estabelecem a produção e a compreensão da linguagem são diferentes.

Essa conclusão, atualmente, embasa os procedimentos metodológicos para entender os processos mentais relacionados à compreensão e à produção, produzidos pela Psicolinguística Experimental. Como dito anteriormente, são métodos que a partir do objeto de pesquisa, serão utilizados para investigar o *processamento linguístico* por meio da Fonologia, da Morfologia, da Sintaxe e da Semântica:

a) estudos sobre a percepção da fala, em que se analisa o sinal acústico em seus vários aspectos. Por exemplo, tenta-se entender como o processamento desse sinal acústico em seus vários aspectos. Por exemplo, tenta-se entender como o processamento desse sinal acústico é possível a partir de estímulos que são variáveis tanto em um indivíduo quanto em uma dada sociedade ou investiga-se como ocorre a segmentação desse sinal acústico, que se apresenta em um contínuo na fala, etc;

b) estudos sobre o reconhecimento de palavras ou sobre o acesso lexical que investigam como os elementos (morfemas, traços), que as compõem são acessados no momento em que ouvimos ou lemos;

c) estudos sobre o processamento de frases que investigam a organização da estrutura sintática construída a partir do *parser* (ou processador sintático), uma espécie de processador mental que analisa a sintaxe dos enunciados linguísticos para que possamos compreendê-los;

d) o estudo da interpretação semântica dos enunciados linguísticos, que investiga como os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático), são integrados ao conjunto de conhecimentos de mundo que os indivíduos têm, viabilizando uma interpretação mais consciente seja no escopo sentencial, seja no escopo discursivo. (LEITÃO, Márcio Martins, 2022, p. 223)

Em cada subárea da linguística, observa-se ângulos para se entender a mecânica que envolve o *processamento linguístico*. O autor acrescenta que é uma tarefa complexa ter acesso *in loco* dos procedimentos mentais que estruturam a compreensão e a produção da linguagem. Na neurolinguística, por exemplo, há técnicas para medir o fluxo sanguíneo ou a atividade elétrica no cérebro ao decorrer de uma atividade linguística, mas ainda não é o suficiente para determinar uma relação direta entre essas medidas e o processamento linguístico - o que faz a neurolinguística continuar a sua caminhada nesse viés.

Já a Psicolinguística Experimental segue também nessa busca da compreensão do *processamento linguístico*, e para isto, como explica Leitão (2022), ela utiliza experimentos nomeados por *off-line* e *on-line*: as práticas *off-line* são fundamentadas em respostas obtidas pelos falantes, após eles terem lido ou ouvido uma palavra, uma frase ou um texto, possibilitando, no final do experimento, apreender reações posteriores a leitura/audição do que foi apresentado. E nos testes *on-line*, já é um processo ao contrário, as reações são capturadas no momento em que a leitura/audição está em andamento.

Essa investigação sobre os processos mentais que integram a compreensão e a produção da linguagem, atualmente, não só a psicolinguística analisa, mas também, morfólogos estão trabalhando a favor dessa problemática, a partir da utilização dos experimentos *off-line* e *on-line* na análise de alguns processos morfológicos, nomeando assim essa prática morfológica em Morfologia Experimental.

A MORFOLOGIA EXPERIMENTAL

A utilização do teste *off-line* para análises morfológicas se deu inicialmente pelas pesquisadoras Alina Villalva e Carina Pinto, apresentando a sua utilização e resultados no artigo: *Avaliação do conhecimento lexical: dados experimentais e hipóteses de análise*, publicado no ano de 2020.

Nesse artigo, as autoras demonstram insatisfação em relação à confiabilidade dos parâmetros aceitos nos testes morfológicos relacionados com o processamento visual da palavra, no quesito dos valores de frequência e no tamanho das palavras, observado a partir do número de sílabas, utilizando assim, o teste *off-line* por concluírem que esse procedimento apresentaria resultados menos duvidosos.

O experimento se deu a partir da determinada organização: primeiramente as autoras criaram as seguintes hipóteses - a partir da utilização do teste *off-line* seria concluído que o processamento de palavras derivadas não está conectado com a frequência de sua ocorrência na língua; e que o saber do significado da palavra base e a composição da palavra derivada são critérios cruciais para a computação desse tipo de palavras.

Para a verificação das hipóteses, Villalva e Pinto (2020) construíram um *corpus* com 152 substantivos de ações deverbiais composicionais, por exemplo: *utilização* - tema verbal - *utiliza* e o sufixo -ção. Um conjunto de palavras é estabelecido de acordo com o número de sílabas da base (duas a seis sílabas correspondentes a três a sete sílabas nos derivados). Mas, devido a difícil codificação dos valores de frequência, as autoras selecionaram um subconjunto de 96 palavras, e posteriormente, excluíram as palavras com aspectos semelhantes, tendo no final quatro grupos 20 itens e um com 16 itens.

Quadro 1 – Número de palavras por número de sílabas.

Número de sílabas da base	Seleção inicial	Seleção final
2-síl	25 itens	20 itens
3-síl	28 itens	20 itens
4-síl	45 itens	20 itens
5-síl	38 itens	20 itens
6-síl	16 itens	16 itens
Total	152 itens	96 itens

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em seguida, foi o momento da aplicação do teste *off-line*, por meio do formulário on-line da plataforma Google. Esse processo aconteceu em uma sala, todos estavam presentes fisicamente. O grupo de participantes contava com 51 falantes nativos do português europeu, universitários e sem nenhuma patologia de linguagem.

O teste *off-line* foi aplicado com o objetivo de verificar a familiaridade dos sujeitos com o conjunto de derivados de verbos e dos seus verbos-base. Primeiro, os participantes tinham que responder uma pergunta: Xção significa o ato de X?, e posteriormente, eles teriam que fazer uma produção a partir do que responderam anteriormente:

a. Os informantes que respondessem “sim” teriam que usar o verbo-base (*utilizar*), em uma frase, o que nos permitiria avaliar tanto o seu conhecimento do verbo-base como o do derivado composicional.

b. Os informantes que respondessem “não” eram convidados a escrever uma frase com o derivado (*utilização*). Essa frase permitiria que avaliássemos o seu conhecimento o seu conhecimento dos derivados lexicalizados.

c. Os informantes que respondessem “não sei” eram convidados a explicar o significado do verbo, o que nos permitiria estabelecer:

- i. se os sujeitos conheciam o significado do verbo, embora não conhecessem o significado do derivado;
- ii. se eles não conheciam o significado do verbo e, portanto, não poderiam conhecer o significado do derivado.

(VILLALVA, Alina; PINTO, Carine, 2020, p.5)

Como resultado do teste *off-line*, as autoras observaram como satisfatório, já que os participantes mostraram conhecer as palavras independente do seu comprimento (número de sílabas) e da sua frequência.

Outra pesquisa morfológica que utilizou-se do teste *off-line* e também do teste *on-line*, foi o trabalho orquestrado por Alina Villalva e Rafael Dias Minussi, divulgado em um artigo que ambos publicaram: *Reconhecimento e acesso lexical dos blends em português europeu e português brasileiro*, em 2020.

Nesse artigo, os autores explicam que o objetivo da pesquisa foi analisar como os falantes do português europeu e do português brasileiro reconhecem e processam os Blends, e para atingir esse objetivo, os pesquisadores utilizaram o teste *off-line* por meio do Google Forms, para observarem se os informantes apreendem e como interpretam os Blends. E utilizaram também o teste de decisão lexical, o *on-line*, para comparar tempos de reação.

Os testes foram aplicados da seguinte forma: primeiramente, foi feito um teste *off-line* com 56 palavras (Blends), para os pesquisadores observarem se os falantes do português europeu reconheciam os Blends originais do PE e se os falantes do português brasileiro reconheciam os Blends originais do PB, para posteriormente selecionar as palavras que tiveram um melhor resultado.

Depois dessa etapa, os autores aplicaram mais um teste *off-line*. Os Blends selecionados foram divididos em dois grupos: um com 26 palavras e o outro com 28 palavras, para que não ficasse um teste cansativo para os informantes, sendo que um grupo de estudantes respondeu o questionário com 26 blends e um outro grupo respondeu um outro questionário com 28 blends.

Esses testes foram realizados com universitários da Universidade Federal de São Paulo e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, respectivamente em uma sala de aula - todos os participantes preencheram o teste ao mesmo tempo. Nesse teste, cada participante deveria responder de forma dissertativa a cada questão, como por exemplo: o que significa *pistralhadora*?

Os autores criaram cinco categorias com o seu respectivo número para organizar as respostas recebidas:

1. Para respostas que mencionaram a primeira base do blend.
2. Para respostas que mencionaram a segunda base do blend.
3. Para respostas que mencionaram as duas bases do blend.
4. Para respostas que não mencionaram nenhuma das bases do blend.
5. Para aqueles que respondiam que não sabiam, ou que não respondiam.

Essa organização teve sua importância pois dessa forma os pesquisadores poderiam observar qual era (se houvesse) um núcleo nesses blends por parte dos falantes; e qual base era mais interpretada: a primeira, a segunda ou ambas? E assim analisaram as respostas, tendo como resultado final, que nos tipos de *Blends* clip/palavra e palavra/clip - o clip era visto como um núcleo e na estrutura clip/clip a primeira palavra foi a mais citada pelos falantes.

Já o teste *on-line* foi feito por meio do software Psychopy na versão 3.0.6. Foram selecionados 24 participantes do português europeu e 25 falantes do português brasileiro. Eles teriam que teclar a letra S caso considerassem a palavra observada como possível no português, ou deveriam clicar na tecla L caso achassem não. Para esse teste foram utilizadas 80 palavras, sendo 40 blends e 40 distratores (palavras que não eram do português). O objetivo desse teste foi observar o tempo de resposta para cada palavra e depois compará-los.

No final, Villalva e Minussi (2020), tiveram como resultado que o tipo blend clip/clip teve um tempo de leitura mais baixo para os dois grupos. E comparando esse teste com outros experimentos, os pesquisadores observaram que no português brasileiro, os *Blends* têm um tempo maior de reação do que uma simples palavra. Já no português brasileiro, o tempo de reação para os blends (1.120 ms e 1.214 ms) está mais próximo das palavras derivadas (1.240 ms), o que os pesquisadores concluíram que essa discrepância acontece, porque os blends são mais frequentes no PB do que no PE.

Duas pesquisas morfológicas que analisaram o seu objeto de estudo por meio dos métodos da Psicolinguística Experimental - nomeados como Morfologia Experimental. Trabalhos em que suas análises estão direcionadas para o entendimento do *processamento linguístico* – contribuindo nos avanços dos estudos da Psicolinguística.

Ambos os trabalhos focaram no reconhecimento lexical que os participantes fizeram das palavras apresentadas. Um processo que perpassa pela produção e compreensão da linguagem, pois os pesquisadores não teriam os resultados obtidos, se a mente dos informantes não fosse hierarquicamente organizada por processos cognitivos que se fez possível responder com êxito os testes *off-line* e *on-line*.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

FERRARI-NUNES, Juliana. **A psicolinguística experimental: pressupostos teóricos e métodos empíricos**. *Revista Letras*, Curitiba, n. 84, p. 47–64, 2011.

GARDNER, Howard. **A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Edusp, 1995.

GRIES, Stefan Th. **Corpus-based methods in morphology: An overview**. *Morphology*, v. 21, p. 397–401, 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual: Introdução**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LEITÃO, Márcio Martins. **Psicolinguística: uma introdução crítica**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITÃO, Márcio Martins. **Psicolinguística e cognição linguística: fundamentos para os estudos do processamento linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

PINTO, Carina; VILLALVA, Alina. **Avaliação do conhecimento lexical: dados experimentais e hipóteses de análise**. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 1, p. 1–17, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1722>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SANDMANN, Ana Paula. **Processamento morfossintático e semântico em afásicos: o papel da memória de trabalho e da atenção**. *Cadernos de Linguística*, Brasília, v. 21, n. 2, p. 56–83, 2020.

SOUSA, Luciane C. de. **Psicolinguística e aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2017.

VILLALVA, Alina; MINUSSI, Rafael Dias. **Reconhecimento e acesso lexical dos blends em português europeu e português brasileiro**. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 1, p. 1–27, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1721>. Acesso em: 10 jul. 2025.

WUNDT, Wilhelm. **Völkerpsychologie: Eine Untersuchung der Entwicklungsgesetze von Sprache, Mythos und Sitte**. Leipzig: Wilhelm Engelmann, 1900–1920.